

# Estudos visuais: uma disciplina em gestação

Carlos Roberto da Costa

**P**rofessor de Direção Cinematográfica e Estética da Imagem na Universitat Autònoma de Barcelona, Josep M. Català Domènech foi se deslocando, em suas pesquisas, do cinema para uma abordagem mais ligada à análise das imagens, propondo um ponto de vista mais profundo ou complexo, usando sua própria expressão. Entre os livros publicados (além das traduções feitas por ele para o espanhol), se sucederam *Elogio de la paranoia* (1997), *Imagen, memoria y fascinación* (2001); *La puesta en imágenes: conceptos de dirección cinematográfica* (2002); *La imagen compleja* (2005); *La forma de lo real: Introducción a los estudios visuales* (2008) e *Pasión y conocimiento* (2009).

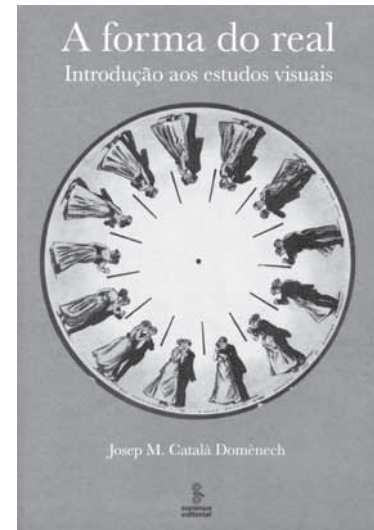
De certo modo, essa evolução na trajetória de Català mostra que os estudos visuais – uma nova disciplina que ele propõe e ajuda a dar os primeiros passos – aparecem para atender a uma necessidade nascida na era do virtual. Em sua proposta abrangente, fica claro que a fenomenologia visual vai além dos limites entre o artístico e o estético, criando a urgência de um mergulho mais denso no universo de imagens que se abre no atual momento em que descobrimos o poder do visual e seus desdobramentos em todos os domínios do saber. Como disse Barthes num dos textos reunidos no livro *A Torre Eiffel*, “A imagem como elemento de um sistema de comunicação tem um valor impactante considerável. Pode-se falar até em poder de choque”.

E é esse poder de choque que Català se propôs a analisar em seu monumental tratado *La imagen compleja* (2005), que ele mesmo considera hoje “talvez longo demais para os sofridos leitores”. Mas foi o livro seguinte, *La forma de lo real: Introducción a los estudios visuales*, que mereceu recente edição para o

## A forma do real Introdução aos estudos visuais

Josep M. Català  
Domènech

São Paulo: Summus  
Editorial, 2011. 270 p.



português, numa tradução de Lizandra Magon de Almeida para a Summus Editorial.

Este livro, denominado pelo autor como um manual introdutório aos estudos visuais, é na realidade um profundo tratado sobre imagens. Em 9 capítulos, Català percorre as polissemias e poliformas da imagem (título do capítulo 1) e as percepções (capítulo 2), discorrendo sobre a necessidade de uma alfabetização visual, sobre as maneiras de ver e a análise da imagem e a visão do limite, com uma breve história da percepção. Neste trecho, o autor se apropria do pensamento de Merleau-Ponty de que “perceber é posicionar-se diante de algo por meio do corpo” e traça, a partir daí, um interessante paralelo entre o pintor e o fotógrafo para desembocar nas etapas do desenvolvimento da cultura, da oral para a caligráfica, depois a tipográfica e, finalmente, a eletrônica (p. 69-76). Trajetória que ele resume num quadro, mostrando que na Idade Média a caligrafia se impôs à oralidade (e a audição e o tato se tornam mais importantes que a visão); no Renascimento,

a caligrafia dá lugar para a tipografia e o primado da audição é deslocado para a visão. Na etapa seguinte, que ele chama de sociedade estatal, a visão se impõe à audição e ao tato; enquanto na sociedade burguesa, a tipografia é reforçada pela fotografia, com a ampliação do domínio da visão. E, no século XX, com a eletrônica se impondo à tipografia, ocorre a extrapolação da visão e do som (p. 76).

O capítulo 3 esboça uma breve história da imagem – que ele começa pelo final, falando em fluidez digital, realidade virtual, interfaces e realidade aumentada (usando, nesse caso, o exemplo do filme *Minority Report*, de Steven Spielberg, em que o culpado é punido antes que o crime seja cometido graças à visão premonitória de três “precoogs”, numa tecnologia em uso no ano 2054). Nesse recorrido pela história da imagem, Català realiza um interessante estudo das fotografias de movimento de Edward Muybridge contrapondo-as com os processos de fusão de imagens utilizadas hoje por videomakers.

As formas da imagem é o tema do capítulo 4; e a representação do espaço e do tempo nas imagens ocupa o capítulo seguinte, que trata da transdisciplinaridade da imagem. Ali, Català propõe deslocar o cinema do paradigma da literatura para o da arquitetura: “A ancoragem do cinema no paradigma literário levava a considerar que sua produção de significado ocorria como na linguagem, pela diferenciação entre significante e significado. O significante, neste paradigma, é entendido como símbolo arbitrário e, portanto, insubstancial, não mais que um vínculo para o significado. [...] Ao contrário, o cinema entendido como arquitetura restitui ao significante, ou seja, à forma, à visualidade e à imagem toda sua potência hermenêutica (p. 203-204).

Os três últimos capítulos tratam da retórica visual (o sentido figurado, a expansão da metáfora, a imagem e as formas metafóricas), os modos de exposição (os quadrinhos, a imagem, texto e som, e a televisão, *videogames* e “mundos possíveis”) e, finalmente, no capítulo 9, a identidade visual (o retrato e o corpo, as formas do eu, a identidade fragmentada).

Em síntese, Català esboça as bases dos dispositivos necessários para compreender as amplas dimensões das imagens, insistindo que os estudos visuais são o espaço novo genuinamente multidisciplinar do saber que avança em direção à busca de novas abordagens. Um campo do conhecimento ainda pouco explorado e ignorado por um longo tempo e ainda não aceito por todos.

Embora o autor se refira ao livro como um manual, não se trata exatamente disso, mas de distintos ensaios que abrem novas portas e colocam novas interrogações, às quais ele não se mostra preocupado em oferecer as tradicionais receitas dos manuais – chega inclusive a criticar alguns livros clássicos com receitas de “como ler uma imagem” e faz severas restrições ao *Modos de ver*, de John Berger. Català tem ainda a virtude de não aceitar a redução dos estudos visuais a uma discussão sobre a psicologia da percepção ou aos processos fisiológicos da visão. Também propõe um ponto final nas discussões sobre a imagem, notadamente a fotografia, como linguagem, ao escolher nomear o campo com uma perspectiva mais aberta, a dos estudos visuais.

Ao abordar imagens do cinema, dos quadrinhos, dos *videogames*, das fusões virtuais, além da arquitetura, e discutir com autores que vão do monumental Erwin Panofsky (e seu texto clássico sobre a arquitetura gótica e o pensamento escolástico) aos estudos da imagem-movimento no cinema, de Gilles Deleuze, o autor abre novas portas e aponta caminhos a serem percorridos.

O livro, finalmente, dá pistas sobre a complexidade dos fenômenos e estudos que estão à espera de novos pesquisadores que queiram se embrenhar pelas transformações que o saber experimenta no novo território das imagens, uma trama que mistura tradição e a pós-modernidade tecnológica.

(resenha recebida out.2011/aprovada out.2011)

**Carlos Roberto da Costa**, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e professor da Faculdade Cásper Líbero.